



NOBEL DA PAZ

Prêmio às vítimas dos crimes de guerra

Comitê Norueguês agracia a juíza sul-africana Navi Pillay e destaca sua "coragem e integridade" excepcionais na luta por uma ordem jurídica global abrangente. Israel critica escolha, e EUA impõem sanções ao Tribunal Penal Internacional

» RODRIGO CRAVEIRO

Aos 85 anos, Navi Pillay passa a integrar o seleto grupo das 144 personalidades agraciadas com o Nobel da Paz em 125 anos do Prêmio. O Comitê Nobel Norueguês afirmou que a juíza sul-africana demonstrou "coragem e integridade excepcionais" ao liderar o caminho rumo a uma "ordem jurídica global mais abrangente". "A laureada deste ano desempenhou papel fundamental na garantia de que crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio sejam processados", afirmou o comitê. "Ela ampliou significativamente o alcance e o impacto do direito internacional. Atuou como juíza da Suprema Corte da África do Sul, no Tribunal Penal Internacional para Ruanda e no Tribunal Penal Internacional. Foi Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos e, até recentemente, presidiu a Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU sobre o Território Palestino Ocupado", acrescentou. Pillay chegou a usar o termo "genocídio" para se referir ao massacre de palestinos na Faixa de Gaza pelas forças israelenses.

Poucas horas depois do anúncio do Nobel da Paz, os EUA reagiram ao Nobel com novas sanções ao Tribunal Penal Internacional (TPI), enquanto o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, acusou Pillay de ser "sectária contra os judeus". "Agora que o Comitê Nobel premiou a maior mentira do século 21, Joseph Goebbels sem dúvida estará aplaudindo do inferno", publicou o Ministério das Relações Exteriores israelenses, ao citar o ministro da Propaganda da Alemanha nazista. "Ou o TPI põe fim a suas ameaças ou nós poremos fim ao TPI", avisou o secretário de Estado americano, Marco Rubio, que qualificou o órgão judicial de "desonesto". "Vamos proibir transações com esse tribunal desonesto, cortando seus recursos e paralisando sua capacidade de operar", acrescentou, sem citar Pillay e o Nobel.

Volker Turk, alto comissário da ONU para os Direitos Humanos considerou "inaceitáveis" as sanções. "Estas sanções — as mais

Frank Boxler/AFP



Pillay é fotografada na Sala 600 do Palácio de Justiça de Nuremberg, na Alemanha: jurista estava em evento no local do julgamento de nazistas

recentes de uma série de medidas de retaliação contra o TPI e sua equipe pelo trabalho que realizam diariamente para promover a responsabilização pelas violações mais graves dos direitos humanos — são inaceitáveis", sublinhou, por meio de um comunicado.

Pillay estava em Nuremberg (sul da Alemanha), quando soube que tinha sido escolhida para receber o Nobel da Paz. Ela participava de um evento sobre justiça e reparação na Sala 600 do Palácio de Justiça de Nuremberg, o mesmo local onde nazistas foram julgados por crimes de guerra. "Quando o diretor da Academia Internacional dos Princípios de Nuremberg, Christoph Safferling, pediu que eu saísse da sala — e vi sua expressão tão séria —, pensei que ele tivesse alguma notícia ruim para mim. Foi então que ele me contou o que tinha acabado de acontecer. Fiquei olhando, incrédula. Não consegui acreditar. Aos poucos, fui recebendo outros alertas da

Eu acho...

Arquivo pessoal



AJITH SUNGHAY, representante do Escritório das Nações Unidas do Alto Comissariado para Direitos Humanos nos Territórios Ocupados

mídia e assisti ao anúncio. Só então a ficha caiu. Sinto-me profundamente honrada e comovida", declarou, durante entrevista ao Comitê Nobel Norueguês. Ao ser informada sobre a honraria, ela foi ovacionada pelas pessoas presentes no evento. "Se vocês aplaudirem um pouco mais, talvez eu divida esse prêmio com (Donald) Trump", brincou.

Reitor da Faculdade de Direito

"Navi Pillay presta muita atenção na justiça, na responsabilização pelos crimes e nos direitos humanos de uma forma mais ampla, dentro do escopo do direito internacional. Além da causa palestina, no atual cenário, em que o direito internacional tem sido minado e o sistema multilateral tem sido desmantelado, esse Nobel da Paz significa muito. Ele devolve o foco, a atenção e a importância à ordem mundial pós-Segunda Guerra."

reconhece um legado notável de serviços prestados e a coloca entre os sul-africanos ilustres que receberam o Prêmio Nobel, incluindo o chefe Albert Luthuli, o arcebispo emérito Desmond Tutu e Nelson Mandela", afirmou.

"Compassiva e justa"

Ajith Sunghay, representante do Escritório das Nações Unidas do Alto Comissariado para Direitos Humanos nos Territórios Ocupados, foi apresentado a Pillay em 2008. "Eu trabalhava em Jerusalém e ela era alta comissária. Depois disso, trabalhei com ela em vários países da Ásia, como o Sri Lanka, que era afetado por uma guerra civil. Pillay é uma pessoa muito compassiva, bastante centrada e orientada nas vítimas. Ela não esboça timidez para fazer declarações muito poderosas. Também mostra-se muito justa, e acho que isso vem da natureza pelo fato de ser juíza. Ela se baseia em fatos

Os últimos agraciados

VEJA A LISTA DOS MAIS RECENTES GANHADORES DO NOBEL DA PAZ

2025: María Corina Machado, líder opositora da Venezuela

2024: Nihon Hidankyo, organizações de sobreviventes da bomba de Hiroshima

2023: Narges Mohammadi, ativista e prisioneira política iraniana

2022: Ales Bialiatski, ativista pró-democracia de Belarus; Memorial, ONG russa pró-direitos humanos; e Centro pelas Liberdades Cívicas, ONG ucraniana

2021: Maria Ressa, jornalista filipina; Dmitry Muratov, jornalista russo

2020: Programa Mundial de Alimentos da ONU

2019: Abiy Ahmed Ali, premiê da Etiópia

2018: Denis Mukwege, médico ginecologista congolês; Nadia Murad, ativista da minoria yazidi

2017: Campanha Internacional para a Abolição de Armas Nucleares

2016: Juan Manuel Santos, presidente da Colômbia

para tirar suas conclusões", explicou ao **Correio**, por telefone.

De acordo com Sunghay, essa característica foi marcante em seus papéis como alta comissária para os direitos humanos e como chefe do inquérito sobre os crimes cometidos na Faixa de Gaza. "Ela se foca em fortes análises e nos fatos. Pillay também demonstrou uma posição contundente em relação à causa palestina. Tanto que descreveu o que acontece na Faixa de Gaza como 'genocídio'. Pouco depois de saber que ganhou o Nobel, ela utilizou esse termo novamente. O Nobel da Paz trará muita atenção para a situação na Palestina", disse.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

TRUMP JOGA PARA FECHAR SEU ESCUDO

É na reconstrução da hegemonia nas Américas que repousa o eixo principal da política externa dos EUA sob Donald Trump, e é por esse ponto de vista que se coloca a ação dos EUA, de olho no desenrolar da sucessão presidencial no Brasil. A projeção de vitória de Flávio Bolsonaro, desde sempre colocado como aliado incondicional de Donald Trump, coloca para a Casa Branca e o Departamento de Estado a perspectiva de adesão do maior país da região ao Escudo das Américas, iniciativa lançada para agrupar, sob a batuta de Washington, o conjunto dos governos ao sul do Rio Grande.

Como parte do pacote, nos meios diplomáticos, começa a circular versão segundo a qual um possível governo Bolsonaro negociaria a instalação de uma base militar permanente dos EUA no país, a exemplo do que vem sendo discutido, praticamente, em toda a América do Sul.

Fortalecida na composição do Senado e da Câmara, ao fim do primeiro turno, a direita trumpista brasileira manobra desde já na direção de alinhar a política externa, a partir de 2027, com os rumos traçados de Washington.

Em uma esperada recomposição do comando das Forças Armadas, tendem a ganhar peso e espaço os setores mais afinados com a abordagem segundo a qual o Brasil deve reforçar a posição de aliado confiável e uma espécie de braço direito da potência que busca se reafirmar como hegemônica no Hemisfério Americano.

Ano que vem...

Mais significativas, em matéria de indicar rumos, são as indicações do candidato da oposição de direita sobre a posição do Brasil em temas como a crise em andamento no Oriente Médio. A vitória

parcial de Flávio Bolsonaro, no primeiro turno, frequentou as intensas conversas, por telefone, com o primeiro-ministro de Israel. Acusado nominalmente de genocídio por Lula, em seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, Benjamin Netanyahu cumprimentou o aliado pela vitória no primeiro turno e acenou com a "retomada das relações extraordinárias" entre os dois países, caso o resultado se confirme em 25 de outubro.

Quando assumiu o Planalto, em 2019, Jair Bolsonaro ensaiou transferir a Embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém. Vitorioso agora, o filho trocou mensagens calorosas com Netanyahu. Deixou evidente a disposição de reorientar a política do Brasil para o Oriente Médio, até aqui marcada pela condenação do "genocídio" — palavra escolhida por Lula, na ONU, para descrever a situação no território palestino

de Gaza, com menção nominal ao prêmio israelense como responsável.

Caso suba a rampa, em 1º de janeiro, Flávio poderá consumir o gesto que traz embutida a guinada diplomática: transferir a Embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém. Muito além de uma mudança, a medida implica o reconhecimento da anexação, pelo Estado judeu, da metade oriental (árabe) da cidade sagrada, também, para muçulmanos e cristãos.

Às vésperas da criação de Israel, em 1948, a palavra de ordem do movimento sionista era: "Ano que vem, Jerusalém".

Bom entendedor

O entendimento sobre a situação no Oriente Médio fez do anúncio do Prêmio Nobel da Paz uma indireta para Israel — e, por tabela, os Estados Unidos. A escolha de Navi Pillay, relatora da acusação a Israel pelas mais de 70 mil mortes de palestinos em Gaza, foi endereçada claramente contra o governo de Netanyahu.

Não por acaso, foi noticiada na imprensa israelense como a premiação da juíza que "acusou Israel de genocídio".

Estreia

Também no Oriente Médio, a semana marcou ainda a estreia do pacto de defesa firmado recentemente na cidade mais sagrada para o islã. Em nome do Pacto de Meca, forças do Paquistão e da Turquia somaram-se às da Arábia Saudita na contraofensiva dirigida às posições recém-conquistadas, no Iêmen, pelos rebeldes houthis, aliados do Irã.

Embora não compartilhem da origem étnica árabe, turcos e paquistaneses estão afinados com os sauditas na lealdade ao islã sunita. Os houthis iemenitas comungam com os persas iranianos na vertente (minoritária) do xiismo. E, por essa e outras razões, integram com Teerã o chamado "eixo da resistência", que se contrapõe à influência dos EUA e das potências ocidentais no Oriente Médio.